



ÍNDIO VIVO

Julieta de Godoy Ladeira

ILUSTRAÇÕES: DAVE SANTANA

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS
E DE ATIVIDADES

Maria Lúcia de Arruda Aranha
Marisa Rodrigues de Freitas



A AUTORA

Julieta de Godoy Ladeira

Escritora e publicitária, dedicou-se também ao ensino dando aulas de Criação de Prologanda. Escreveu diversos livros para o público infantil e, com eles, ganhou vários prêmios.

A OBRA

Índio vivo

A autora conta a história de dois índios irmãos, Anuaí e Yalori, já aculturados e que vivem numa reserva indígena. Os meninos já aprenderam a ler e a escrever, mas mantêm os seus costumes e têm muito medo dos intrusos coureiros caçadores de jacarés e dos madeireiros que desmatam as florestas e às vezes até matam índios.

Um dia, Anuaí ganhou um prêmio com um desenho sobre o dia do índio. Por isso, ele, o irmão e seu pato Maru voaram para São Paulo. Lá viveram diversas situações e aventuras, desde a noite de premiação até a alegria no parque de diversões, passando pelo dia em que se viram sozinhos, perdidos pela cidade.

Esses acontecimentos são entremeados com relatos da história do Brasil, a partir do encontro dos primeiros habitantes dessas terras com os portugueses. O livro conta de que maneira os índios foram tratados, quer pela imposição de costumes e crenças dos colonizadores, quer pela escravização de sua gente, muitas vezes dizimada. E mostra que, apesar das leis e das instituições criadas para a sua proteção, há muito falatório e pouca ação: suas terras, ou o que restou delas, ainda são cobiçadas em nome da ganância e do progresso.

TEMAS ABORDADOS

- Índios: história, costumes, nações
- Direitos dos índios (leis, instituições)
- Viagem dos navegantes: descobridores ou invasores?
- Missões e catequese



SUGESTÕES PEDAGÓGICAS

Formando o leitor

Enquanto nos livros de ficção conta-se uma história, as obras de não-ficção ou expositivas visam oferecer informação. Mesmo quando o autor se utiliza de uma pequena história — como neste livro —, ela é sempre pretexto para facilitar a compreensão do assunto de determinada área do conhecimento. No entanto, o texto expositivo não se restringe à transmissão de informações. Isso porque, no mundo atual, ocorreu uma incrível mudança com a crescente ampliação do campo do saber e o avanço da tecnologia, sobretudo no setor das comunicações, o que tornou a informação bastante acessível. Por isso mesmo, o leitor precisa ter condições de selecionar essas informações e de lançar sobre elas um olhar crítico, o que só é possível pelo desenvolvimento da *autonomia do pensar e do agir*.

A formação do leitor autônomo supõe que a informação seja contextualizada: que parta do que é familiar ao aluno e, ao final, retorne à realidade vivida, para que não se reduza a abstrações, mas adquira sentido vital. Assim, o conhecimento deixa de ser uma aventura apenas intelectual, porque se encontra enriquecido por contornos afetivos e valorativos.

Mais ainda, conhecer é um procedimento que vai além do esforço solitário da reflexão, porque se faz também pelo diálogo, pelo confronto de opiniões, que mobiliza cada um na busca de outras explicações possíveis ou na elaboração de novas indagações. Daí a importância de acrescentar às atividades individuais os trabalhos em equipe, os projetos coletivos, as discussões em classe, as assembleias.

Preparando para a cidadania

O conhecimento contextualizado, inserido nas situações vividas, deixa de ser passivo, como acontece com o saber acabado e recebido de fora. De fato, quando o aluno consegue identificar os problemas e conflitos da realidade, tudo o que aprende adquire sentido novo para sua vida e para a comunidade. O saber incorporado ao



vivido é condição importante para a formação integral do aluno porque estimula a atitude crítica e responsável, preparando-o para se tornar um cidadão ativo na sociedade, membro integrante da comunidade e possível agente transformador.

Longe, porém, de imaginarmos uma aula especial para “ensinar valores” aos alunos, estamos propondo que em cada disciplina sejam discutidos os laços indissolúveis entre o conteúdo estudado e os valores humanos. Isso significa que os temas éticos, políticos e estéticos devem ser realçados no processo de apropriação do saber como *temas transversais*, isto é, como temas que *atravessam* os diferentes campos do conhecimento. É o que veremos a seguir, a propósito deste livro.

Explorando o texto — *Índio vivo*

Este livro nos dá a oportunidade de discutir a questão do preconceito, porque ainda hoje sofremos os efeitos maléficos do espírito colonizador que separa os povos em “superiores” e “inferiores”, quando, na verdade, eles são apenas *diferentes*. O não-reconhecimento desse fato levou os portugueses que aqui chegaram a não ver os índios pelo que eles de fato eram, mas sim pelo que “lhes faltava”, considerando, evidentemente, o ponto de vista da civilização européia. Essa perspectiva reaparece na interpretação histórica tradicional de um Brasil “descoberto”: se considerássemos o ponto de vista do índio, os portugueses seriam “invasores”, por se apropriarem das terras dos primeiros ocupantes.

Se os índios eram considerados selvagens ferozes, é bom lembrar que eles eram guerreiros que garantiam o espaço vital do seu povo, enquanto os colonizadores os abatiam por cobiça. Se os colonizadores achavam os índios preguiçosos, esqueciam que, de acordo com sua cultura, eles produziam apenas o necessário para a subsistência. Esses fatos tornam mais brutal a escravização dos índios para o trabalho agrícola, muitas vezes capturados pelos bandeirantes em sua marcha pelo interior do país.

Assim começou a dizimação dos índios: pela brutalidade da forma como eram caçados, por doenças de brancos para as quais não tinham imunidade, pela fome ou pelo sofrimento. Embora não se saiba exatamente quantos índios existiam por aqui no século XV —



estima-se que eram cerca de cinco milhões —, dessa população restam pouco mais de 350 mil (dados de 2002), vivendo em situação precária.

Além do genocídio, a aculturação dos índios fez com que muitos costumes se perdessem, substituídos pelos hábitos do colonizador. Entre esses efeitos destaca-se a obra da catequese, que impôs a religião cristã aos povos nativos. Embora possamos admitir que os missionários estivessem movidos por intenções piedosas, a etnologia contemporânea reconhece os malefícios causados pela perda de crenças culturalmente enraizadas. Por isso, muitos religiosos que atuam hoje em dia nas reservas indígenas compartilham de suas dificuldades, mas respeitam suas religiões.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Lembramos que você não precisa, necessariamente, seguir todas as sugestões apresentadas, podendo selecionar as que são mais adequadas ao tempo disponível e ao interesse dos alunos. Algumas vezes, elas podem funcionar como inspiração para outras propostas, a partir de acontecimentos circunstanciais vividos na comunidade.

Na última página deste suplemento, oferecemos breves pistas para algumas das perguntas formuladas.

A seguir, apresentamos três momentos ou fases em que as atividades se dividem: estimular a classe para a leitura do livro; acompanhar os alunos durante a leitura, dando-lhes subsídios; verificar a compreensão dos conteúdos e sua fixação.

ANTES DA LEITURA

Essa fase tem por função sensibilizar o aluno para a leitura, levando-o a antecipar o conteúdo do texto por meio de hipóteses e a expressar o que já sabe a respeito do tema. É recomendável estimular o manuseio do livro: folheá-lo, observar as ilustrações, consultar o sumário, ler a 4ª capa, indagar sobre o significado do título, identificar a editora e o autor.



1. Vocês já viram um índio de perto? Como ele era? Como estava vestido?
2. O que vocês sabem sobre os índios? Como aprenderam?
3. Vocês acham que os índios vêem tevê, jogam videogame, usam terno e gravata?
4. Vocês já ouviram falar em invasão de terras indígenas?

DURANTE A LEITURA

Visando ao envolvimento do aluno, são apresentadas algumas questões e oferecidos subsídios para facilitar a leitura e contornar dificuldades, ajudando-o, por exemplo, a identificar a estrutura do texto ou esclarecendo alguma dúvida de vocabulário. Pode-se sugerir que sejam feitos os seguintes sinais a lápis nas margens do livro: (!) se alguma informação constitui novidade; (?) se outra não foi bem compreendida; ou (#) se o aluno não concorda com o autor em algum trecho.

1. Os índios são os moradores mais antigos que existem em nossa terra. Mas, de onde eles vieram? (p. 7)
2. Anuaí sabia ler e escrever. Vocês acham que todos os índios que vivem no Brasil também sabem?
3. Os índios têm costumes muito diferentes dos nossos. Vocês sabem, por exemplo, o que acontece aos índios e às índias na adolescência? (p. 10)
4. Como os índios tratam suas terras? (p. 15)
5. O pai de Anuaí e Yalori foi para a cidade grande denunciar a morte dos índios pelos coureiros. Vocês já viram na tevê algum protesto indígena?

APÓS A LEITURA

Nessa fase, verifica-se inicialmente, por meio das questões sugeridas, o que o aluno aprendeu, se é capaz de contar o que leu, seja oralmente ou por escrito. Em seguida, a fim de finalizar a contextualização, retoma-se o entrelaçamento entre o assunto estudado e os problemas da vida cotidiana, provocando novas indagações que, muitas vezes, podem extrapolar a abordagem feita no livro.



Nesse momento, poderá ser revisto o item Explorando o texto — *Índio vivo*.

1. Que personagem da história vocês acharam mais interessante? Por quê?
2. O que os estudiosos concluíram sobre as viagens dos portugueses e a história do descobrimento? (p. 27)
3. Os navegadores da época dos descobrimentos eram descobridores ou invasores? Como trataram os verdadeiros donos das terras? O que vocês pensam sobre isso?
4. Os portugueses nomeavam os lugares sem perguntar aos nativos se os lugares já tinham nome. Quais foram os nomes dados à nossa terra? (p. 28)
5. Anuaí e Yalori, quando recolhidos num colégio, sentiram-se presos numa armadilha. O que eles pensaram sobre a liberdade? (p. 45)
6. Quantos índios havia quando os portugueses chegaram por aqui e quantos existem atualmente? (p. 56)
7. Criem uma tabela. Do lado esquerdo relacionem o que pensa e como age *quem é contra* os índios; do lado direito, relacionem o que pensa *quem é a favor*. (p. 59, 60)
8. O que eram as missões? (p. 64)
9. Qual é o sentimento de vocês em relação aos índios? E o que pensam sobre o modo de vida deles?
10. Para pesquisar:
 - a) Os coureiros, os madeireiros e os garimpeiros. Quem são e qual sua relação com os índios?
 - b) Costumes que herdamos dos índios.

Atividades interdisciplinares

Português: Criem uma redação sobre o dia do índio que tenha como título *Deixe o índio ser índio*.

Arte: Façam um cartaz em homenagem ao dia do índio. Outra opção é fazerem uma história em quadrinhos contando uma lenda indígena.

Ciências: Digam como é o comportamento dos índios em relação aos animais, às florestas, aos rios.

Geografia: Descrevam como é o espaço em que os índios vivem. Do que eles precisam para viver de acordo com seus costumes?



RESPOSTAS PARA ALGUMAS QUESTÕES

As questões sem resposta são as que dependem de posicionamento pessoal do aluno.

Durante a leitura

1. Há várias versões. Atualmente, acredita-se que os índios tenham origem asiática e tenham vindo da Mongólia.
3. Os meninos são isolados para que pensem na infância que termina e na vida adulta que vai começar. As meninas, tornando-se mocinhas, são separadas do grupo por um certo período.
4. Os índios não praticam a monocultura, não esgotam a terra. Plantam, colhem e deixam a terra descansar, cultivando, depois, outros tipos de plantas.

Após a leitura

2. A descoberta da América foi um incentivo para que os portugueses saíssem em busca de novas terras. Quando aqui chegaram, já desconfiavam da existência dessas terras.
4. Os portugueses pensaram estar numa ilha, por isso deram o nome de Ilha de Santa Cruz à nova terra. Depois, quando viram que a terra era maior do que pensavam, deram o nome de Terra de Santa Cruz. E, mais tarde, finalmente Brasil, por causa da grande quantidade de uma árvore de madeira vermelha, denominada pau-brasil.
5. Perceberam que ser livre era andar solto, sem ter de imitar os outros.
6. Quando os portugueses chegaram, viviam por aqui perto de 5 milhões de indígenas. Hoje chegam perto de 350 mil.
7. Os que são contra pensam que só os brancos têm razão, que os índios trazem doenças. Exploram as reservas indígenas ou as mudam de lugar. Os que são a favor reconhecem os direitos dos índios, os respeitam e valorizam sua cultura, religião e hábitos.
8. Missões eram os locais onde os padres missionários ensinavam os índios a ler e a escrever em português. Ensinavam a religião católica e alguns ofícios.